

6ª LIÇÃO

CRIAÇÃO EM OPOSIÇÃO À EVOLUÇÃO (PARTE 2)

Na lição 5, analisámos a ideia de que a criação é uma explicação cientificamente aceitável para a origem do Universo. Nesta lição, examinaremos a presumida “sucessão” da evolução, assim como a evidência que documenta por que o conceito da criação é muito mais consistente com a ciência verdadeira que a ideia da evolução orgânica.

É A EVOLUÇÃO UM FACTO DA CIÊNCIA?

Quando falamos da origem do Universo e das coisas que nele existem, não podemos falar como testemunhas oculares ou observadores em primeira-mão, já que nenhum de nós esteve presente. Por conseguinte, qualquer discussão científica deve estar baseada em certas suposições, hipóteses ou teorias fixadas depois dos factos terem ocorrido. Uma **suposição** é algo tomado por fixo e representa um legítimo ponto de começo para uma investigação. Uma **hipótese** é simplesmente uma conjectura culta ou uma suposição tentativa. Uma **teoria** é um princípio geral plausível ou uma série de princípios que podem ser usados para explicar certo fenómeno e que é sustentada, pelo menos, com alguns factos.

Muitos evolucionistas clamam que a evolução foi provada, e portanto deve ser ensinada não como uma teoria, mas como um facto. Por exemplo, muita gente hoje em dia, tem pelo menos ouvido os nomes de Francis Crick e James Watson, os dois cientistas que compartilharam o prémio Nobel pela sua descoberta da estrutura do ADN (a molécula dentro de cada célula vivente que contém a informação genética). Vários anos depois da sua descoberta, o Dr. Watson escreveu um livro intitulado “*A Biologia Molecular do Gene*” no qual declarou: “Hoje em dia a teoria da evolução é um facto aceite.” Poucos anos depois, na edição de 23 de Agosto de 1999 da revista *Time*, o famoso evolucionista de Harvard, Stephen J. Gould disse que “a evolução está tão bem documentada como qualquer fenómeno na ciência, tão firmemente como a rotação da Terra à volta do sol em vez do oposto. Neste sentido, podemos chamar à evolução um “facto.”

É a evolução um “facto” da ciência? Não, não o é. Um facto é definido como “um sucesso actual” ou “algo que tem existência actual”. Com essa definição de uso padrão em mente, considere o seguinte:

A evolução não pode ser considerada um facto porque está baseada em um número de **suposições improváveis**. Vários anos atrás, um evolucionista bem conhecido da Grã-bretanha, com o nome George Kerkut, incluiu atrevidamente, nada menos que **sete** suposições, no seu livro extensamente distribuído, “*As Implicações da Evolução*”. As primeiras duas suposições que catalogou foram estas: **(1)** a geração espontânea deve ter ocorrido; e **(2)** a geração espontânea **deve ter ocorrido somente uma vez**.

A geração espontânea é a ideia de que algo não vivente deu origem a algo vivente – sem nenhuma assistência externa. Este conceito é justamente a base da evolução orgânica, já que os evolucionistas crêem que, quando o Universo teve início, este era composto exclusivamente de hidrogénio (com talvez uns poucos de átomos de hélio). Para que a vida começasse, eles estão forçados a concluir que aqueles químicos inorgânicos não viventes, “de algum modo” se tornaram em algo vivente. Mas isso “de algum modo” é um problema extremamente difícil para o conceito da evolução. Os cientistas trataram, durante séculos, de documentar que essa geração espontânea pode ocorrer. Até à data cada simples intento não somente tem falhado, mas tem falhado rotundamente. Ninguém jamais pôde provar que algo **não vivente** pode produzir algo **vivente**. Portanto, os evolucionistas simplesmente “supõem” que isto aconteceu.

Além disso, eles supõem que isto aconteceu **somente uma vez**. Mas por quê? Todos os seres vivos estão compostos por um código genético singular (o ADN do qual falámos anteriormente). Já que esse código é extremamente complicado, e já que é virtualmente o mesmo em toda a coisa vivente (com somente variações menores), os evolucionistas estão forçados a admitir que os acontecimentos que o produziram, devem ter ocorrido somente uma vez. Sugerir que isto pode ter ocorrido mais de uma vez, tendo produzido exactamente o mesmo código cada vez, seria ridículo. Ninguém cria tal coisa –inclusive os evolucionistas.

Existem dois problemas sérios com tudo isto. Primeiro, algo baseado sobre uma suposição, **nunca** pode ser considerado um “facto”. Na melhor das hipóteses, **qualquer** ideia baseada numa **suposição** permanece para sempre uma suposição. Não é

possível, logicamente, estabelecer, um conceito sobre uma suposição e logo asseverar que se trata de um facto. Já que a geração espontânea é a base de toda a evolução (obviamente, você não pode conseguir que algo evolua se não pode conseguir, em primeiro lugar, que viva!), e já que a geração espontânea é nada mais que uma suposição (porque não foi documentada cientificamente, e toda a evidência disponível aponta contra esta), então, a evolução não pode ser um facto.

Segundo, como todo o cientista sabe, os eventos que ocorreram uma só vez não podem ser estudados, usando o método científico. Por que é este o caso? A ciência usa os cinco sentidos (tacto, olfacto, visão, paladar e audição) para estudar aquelas coisas que são universais, fiáveis e reproduzíveis. Isso simplesmente significa que um cientista que trabalha em Hong Kong pode fazer uma experiência exactamente igual a um cientista na cidade de Nova York. Se ambos usam os mesmos métodos, ambos obterão os mesmos resultados – hoje, amanhã, o próximo ano ou dentro de dez anos. E os seus resultados podem ser repetidos uma e outra vez. Mas os eventos que ocorreram uma só vez, não são nem universais nem fiáveis. E, por definição, não podem ser repetidos.

Os evolucionistas admitem que duas das sete **suposições improváveis** sobre as que está baseada a evolução, se centram na ideia de que a geração espontânea deve ter ocorrido, e que deve haver ocorrido somente uma vez. Isto significa que a evolução não pode ser um facto científico. O Dr. KerKut admitiu: “(...) O intento de explicar toda a forma vivente em termos de evolução de uma fonte única... é prematura e **não sustentada satisfatoriamente pela evidência do tempo presente...** A evidência permanece para ser descoberta... Nós podemos, se queremos, crer que tal sistema evolutivo tem tomado o lugar, mas no meu caso não penso que “isto tenha sido provado fora de toda a dúvida razoável”.

Logo, depois de tratar dos vários aspectos de cada uma das sete **suposições improváveis** nas quais a evolução está baseada, ele observou:

O primeiro ponto que gostaria tratar é que estas sete suposições por sua natureza, **não são capazes de verificação experimental...** A evidência que as sustêm não é suficientemente forte para permitir-nos considerá-las mais que uma hipótese de trabalho.

A definição de uso padrão de um facto é: um “sucesso actual” ou “algo que tem existência actual”. Pode algum processo ser chamado “um sucesso actual” quando o conhecimento do como, quando, onde, qual e por que falta? Se alguém surgisse que um arranha-céus tivesse simplesmente “passado assim por assim”, mas que o como, quando, donde, qual, e por que foram completamente desconhecidas, estaria você disposto a chamar-lhe um facto ou uma “asseveração improvável”? Perguntar é responder. Enquanto o melhor que os evolucionistas podem oferecer é uma explicação insuficiente para a origem da vida no princípio, um mecanismo igualmente inadequado para a evolução dessa vida que, de “alguma maneira” começou por processos naturalistas, e um recorde fóssil cheio de “cadeias falantes” para documentar seu suposto curso através do tempo, nós continuaremos chamando a seu “facto” simplesmente uma teoria (ou, todavia melhor, uma hipóteses). O torcer a definição da palavra “facto” é um pobre intento da parte dos evolucionistas para acrescentar credibilidade a uma teoria que carece em absoluto de qualquer mérito factual.

E não somente são os criacionistas os que fizeram este ponto. O biólogo molecular evolucionista bem conhecido de Austrália, Michael Denton, abordou este mesmo ponto em seu livro de 1985 *Evolução: Uma Teoria em Crise*. Depois de admitir que jamais ninguém documentou alguma evidência para o suposto “cativeiro de vida” guiando de uma classe de criatura a outra, o Dr. Denton escreveu: “O conceito da continuidade da natureza existiu na mente do homem, **nunca** nos factos da natureza”. Treze anos mais tarde, em seu livro de 1998, *O Destino da Natureza*, o Dr. Denton escandalizou a todos, quando disse:

Quer uma aceite ou recuse a hipótese do desenho... não há desculpa para não concluir que **reflecte**, como se o mundo tivesse sido esculpido para a vida; **parece ter sido desenhado**. Toda a realidade **parece** ser vasta, coerente, teologicamente completa com a vida e a humanidade, como com seus propósitos e sua meta (ênfase em original).

Nós estamos de acordo com ambos os enunciados do Dr. Denton. Os “factos da natureza” certamente não sustêm a evolução. E o mundo, com maior segurança, “**parece ter sido desenhado**”.

Inclusivamente os evolucionistas admitem (embora às vezes, de algum modo, pouco dispostos) que o desenho implica um Desenhador. Então a pergunta chega a ser: **Quem desenhou o Universo?** Desde logo que não foram esses pais míticos, “Pai Tempo” e “Mãe Natureza”: Eles não possuem a habilidade de “desenhar” algo. Inclusivamente onde quer que vejamos, no mundo à nossa volta, vemos evidência da mais completa classe de desenho – desde o nosso massivo Universo até às diminutas células das quais somos feitos. Deus – não a evolução – é responsável. Esse é o “facto” mais impressionante que conhecemos.

ARGUMENTOS COMPARATIVOS – O CASO DA HOMOLOGIA

Um dos argumentos mais impressionantes para a teoria da evolução é previsto pela evidência das ciências comparativas – anatomia comparativa, fisiologia comparativa, bioquímica comparativa, etc. Já que os científicos trabalharam nestes vários campos, e aprenderam a comparar um organismo com outro, estabeleceram semelhanças básicas entre certos grupos. Quando os científicos fazem comparações das partes dos organismos, comumente falam de estruturas que são **estruturas homólogas** (similares em aparência, como opostas aquelas que são **análogas** ou similares em função), sugerindo que estas estruturas particulares atravessam por etapas similares de desenvolvimento, que têm acessórios similares, etc.

O mesmo Charles Darwin pensou que o argumento da homologia foi uma das provas maiores da sua teoria. Ele escreveu: “Temos visto que os membros da mesma classe, independentemente dos seus hábitos de vida, se parecem a outros no plano geral da sua organização ...Não é poderosamente insinuante da relação verdadeira, da sucessão de um antepassado comum?”

É verdade que, à primeira vista a ascendência de um antepassado comum parece ser um argumento muito lógico – uma ideia que parece ter muito sentido. Depois de tudo, não é assim como explicamos tais semelhanças como o facto de que irmãos e irmãs sejam mais parecidos que os primos? E por que é este o caso? Porque eles têm pais mais próximos em comum. Os evolucionistas têm uma impressionante série de datas à sua disposição. Eles estão proa pata dianteira da rã, e o braço do homem tem a mesma estrutura geral. Os evolucionistas também

denotam, correctamente que a pata dianteira do cão, a barbatana da baleia, e a mão do homem contêm essencialmente os mesmos ossos e músculos.

Em tempos mais recentes, estes argumentos foram levados, inclusivamente ao nível molecular, enquanto os científicos começavam a comparar as semelhanças nos grupos sanguíneos, a composição do citocromo C, as enzimas, o ADN celular, e uma enorme quantidade de outros grupos moleculares. Por exemplo, foi anunciado que o chimpanzé e o ser humano têm ADN que é similar em 99% do tempo.

Que é o que os criacionistas respondem a tudo isto? Existem as semelhanças e se é assim, é a explicação dos evolucionistas a correcta que serve os actos do caso? Primeiro, vamos a ver como os criacionistas **não** respondem a este argumento. Os criacionistas não negam as semelhanças. Estas sim existem. Os criacionistas não são ignorantes da existência de tais semelhanças. Sem dúvida, estão aqui, tanto que pode aprender-se uma lição extremamente valiosa na controvérsia da criação/evolução. Esta lição é que: **raramente são os factos os que estão em disputa; de contrário é a interpretação sentada sobre os factos a que está em disputa.** No caso das semelhanças básicas, se no nível anatómico ou bioquímico, não há propósito útil para negar que tais semelhanças existem. Tanto os criacionistas como os evolucionistas têm acesso aos mesmos factores. Sem dúvida, o evolucionista vê a informação e diz que a semelhança é prova de um **antepassado comum**. Por outra parte, o criacionista examina a informação e sugere que a semelhança é evidência da criação de acordo a um **desenho comum**. Ambos os lados têm uma interpretação à mão para a informação. E em muitos casos, qualquer das explicações pode parecer funcionar – à primeira vista.

Não obstante, o argumento dos evolucionistas é forte se somente **certas porções** da informação sobre a homologia estão presentes. Além disso, considere isto. Se as semelhanças provam um antepassado comum, então a **desigualdade** prova que nenhum antepassado comum existe. Somente, quando os evolucionistas permitem “eleger e escolher” as semelhanças que quadram com a teoria da evolução (e recusam as numerosas diferenças) o argumento da homologia pode funcionar. Quando os evolucionistas apresentam **todos** os factos - incluindo aqueles que documentam desigualdades – o argumento da homologia fala completamente.

Um científico veterinário R.L. Wysong, proveu uma lista extensa de cada data, entre as quais estiveram os seguintes exemplos.

1. O olho do polvo, o coração do porco, o rosto do cão peldnês, o leite da burra e o músculo pronador quadratino da salamandra do Japão são muito similares à estrutura análoga do ser humano. Mostram estas semelhanças relação evolutiva?
2. O peso do cérebro em proporção ao peso do corpo é maior no macaco anão de Sul América, chamado leoncito, que no homem. Já que esta proporção é usada para demonstrar a relação entre os primatas e o homem, por conseguinte, é o leoncito mais evoluído que o homem?
3. Os nódulos das raízes de certas plantas leguminosas e os crustáceos, *Daphnia*, contêm hemoglobina, o pigmento do sangue encontrado no homem. Estão estes organismos proximamente relacionados com o homem?

Tais evidências têm feito com que os evolucionistas busquem a maneira de resgatar o argumento da homologia. Por conseguinte, voltaram aos estudos moleculares para estabelecer um antepassado comum baseado na homologia. não obstante, os estudos moleculares nos passados anos, não produziram melhores resultados. Por exemplo, dentro das células dos organismos vivos se encontram os cromossomas que transportam os genes responsáveis para a composição do organismo genético. Se houve uma evolução gradual do simples ao complexo, então o sistema evolutivo prediria também que haveria ali um incremento em número e qualidade dos cromossomas já que um sobe na escala evolutiva. Mas, em nossos dias de tecnologia molecular avançada, a predição evolutiva caiu em tempos difíceis. Note o gráfico e a seguinte página, o qual compara o número de cromossomas actuais de vários organismos com a predição evolutiva.

O número de cromossomas não condiz com o que foi predito baseado na teoria da evolução, já que uma das predições da teoria é a complexidade incrementada (e que mais segurança incluiria os cromossomas, já que estes são os portadores do material genético).

PREDIÇÃO		FACTORES	
Simples ao Complexo		Número de cromossomas	
Homem		Feto - 512	
Cão		Caranguejo do rio - 200	
Morcego		Cão - 78	
Gaivota Arenque		Gaivota Arenque - 68	
Répteis		Répteis - 48	
Feto		Homem - 46	
Caranguejo do rio		Morcego - 32	

Simplesmente os factos não estão de acordo com as predições. Os evolucionistas sugerem que, enquanto se ascende a “árvore da vida”, os organismos deviam chegar a estar cada vez mais separados pelas diferenças em bioquímica, desde o organismo mais “prematuro” e mais “primitivo”. De facto, nenhuma tendência evolutiva pode ser observada na data bioquímica – pelo menos nenhuma que possa ser defendida. Não há progressão de um grupo a outro que mostraria alguma classe de sequência evolutiva.

CONCLUSÃO

Os factores, tais como aqueles apresentados nesta lição e na anterior, poderiam ser multiplicados muitas vezes. Sem dúvida, o ponto é que os criacionistas têm à sua disposição um arsenal impressionante de evidências para confirmar a conclusão de que a criação condiz com os factores científicos disponíveis, melhor que a evolução. Os cientistas criacionistas sugerem que, excluindo o uso da Bíblia ou qualquer outra literatura religiosa, a evidência científica a favor da criação e a evolução seja apresentada meticulosa e justamente.

Os estudantes, depois de examinarem **toda** a informação e considerar **cada** alternativa, podem pesar as implicações e consequências das duas posições e decidir por si mesmos qual é crível e razoável. Isso é educação boa e ciência boa – na tradição mais excelente da liberdade académica. Mesmo Charles Darwin, em sua “Introdução” *A Origem das Espécies* em 1859, declarou:

Estou muito consciente que apenas um simples ponto é tratado neste volume no qual os factores expostos, frequentemente possam ser aparentemente guiados a conclusões directamente opostas que aquelas às quais cheguei. Um resultado justo pode obter-se somente por declarar e balancear completamente os factores e argumentos de ambos os lados de cada questão.

Não obstante, muitos evolucionistas buscam cobrir todo o recto de dentro ou fora do sistema científico ou educacional, dissimulando as falácias e debilidades da evolução e opondo-se inflexivelmente à escuta do facto científico para a criação. Por que é assim? Podem existir duas possibilidades. Primeiro, pode ser que os evolucionistas considerem as pessoas como demasiado ignorantes, ou demasiado analfabetas, para serem expostas a estas ideias competentes das origens. Por conseguinte, estas devem ser “protegidas” e cuidadosamente doutrinadas em ideias “correctas”, por aqueles que se consideram a si mesmos como a elite intelectual – os únicos possuidores da verdade. Segundo, tendo construído cuidadosamente e deliberadamente esta frágil torre de hipóteses fundada sobre hipóteses, pode ser que os evolucionistas estejam conscientes do facto de que a evolução se desenvolveria gravemente se fosse exposta a um desafio aberto e determinado, e se isto é facto, a gente aceitará a criação como o mais lógico dos conceitos das origens. Apesar de tudo, é premente que toda a evidência seja apresentada, para que assim, estas duas alternativas do conceito das origens – a criação e a evolução – possam livremente competir no mercado de ideias.

